

ALGUMAS ABORDAGENS TEÓRICAS NO ÂMBITO DOS PARADIGMAS DE GESTÃO DA ESCOLA

Miguel Henrique Russo

Professor/pesquisador aposentado – CEETPS

mh.russo@uol.com.br

Introdução

O texto tem por fim apresentar algumas abordagens teóricas propostas com vistas a analisar ou orientar a prática da administração escolar. Elas têm origens diversas, sendo a principal estudos acadêmicos que resultaram em dissertações de mestrado ou doutorado desenvolvidas nas universidades brasileiras, seguindo concepções teóricas distintas.

Em texto anterior (RUSSO, 2004) tratei de apresentar o que considero, no contexto da sociedade capitalista e no âmbito da administração escolar, os dois paradigmas que acolhem as abordagens teóricas aqui tratadas. Por um lado, o paradigma clássico (consenso) que tem como referência fundamental a denominada Teoria Geral da Administração – TGA – que reúne estudos iniciados nas primeiras décadas do século XX e visavam aumentar a eficácia e a eficiência das organizações produtivas. Pode, assim, ser entendida como um conjunto de diferentes movimentos, com fundamentos nas ciências humanas e sociais, voltado para as empresas organizadas segundo o modo de produção capitalista.

Por outro lado, o paradigma crítico (conflito) tem como referência o processo de produção pedagógico escolar, ou seja, o estudo do trabalho pedagógico realizado pela escola na transformação que a aquisição do conhecimento produz no aluno.

Um estudo que pretendeu avaliar em que medida a prática gestonária dominante na escola pública do Estado de São Paulo atendia os pressupostos de uma administração escolar transformadora e democrática (Russo, 1995) revelou o distanciamento entre eles, ou seja, a administração dominante nas escolas se mostrou disfuncional em relação ao processo pedagógico sendo, assim, um dos fatores que contribuem para os poucos e sofríveis resultados na aprendizagem dos alunos como revelam as avaliações nacionais e internacionais.

Até meados dos anos 1980 os livros de administração escolar, no Brasil, adotavam uma abordagem segundo a qual a gestão escolar não diferia da administração de qualquer outro empreendimento no âmbito da sociedade capitalista, ou seja, adotavam os princípios da TGA como fundamento. (cf. ALONSO, 1976; CARNEIRO LEÃO, 1939; LOURENÇO FILHO, 1963; RIBEIRO, 1982)

As primeiras críticas ao caráter conservador da Administração Escolar, no final da década de 1970, tinham como foco sua fundamentação na TGA. Essa crítica, realizada por Maurício Tragtemberg, (1971), Miguel Gonzales Arroyo (1979, 1983), Maria Dativa Gonçalves (1980), Maria de Fátima Costa Felix (1984), Acácia Kuenzer (1984) e outros, foi sintetizada por Vitor Henrique Paro que a expandiu e a colocou numa perspectiva político-epistemológica, na sua tese de doutorado (Paro, 1986). Para além da crítica à perspectiva ideológica da TGA, Paro sugere a necessidade de construção de uma teoria da administração escolar que tenha como fundamento a natureza do processo pedagógico escolar e o conhecimento da sua prática concreta na escola, como deve ser uma teoria.

Penso que estamos longe de conseguir esse intento. Até porque o alerta contido naquelas críticas sobre a então crescente utilização, na escola, de formas de organização do trabalho e de gestão típicas do modo de produção capitalista se ampliou e aprofundou desde então. O avanço progressivo das práticas capitalistas na escola ocorreu de forma

intensa nas últimas décadas em face do avanço do neoliberalismo e das políticas públicas que ele inspirou.

A complexificação do processo gestor escolar estimulou estudos com fundamento em perspectivas diversas do campo das ciências humanas e sociais, das quais algumas são apresentadas, em síntese neste resumo, enquanto a versão integral está no texto do artigo completo.

Abordagens teóricas alternativas

No campo dos modelos (teóricos) elaborados como referência para a compreensão da prática escolar, em especial a gestora, tivemos nesse período a emergência de inúmeros estudos que se apropriam de categorias teóricas de outros campos epistemológicos para serem utilizados na Administração Escolar. Sem a preocupação de oferecer um quadro completo, relembro:

Uso da Teoria Crítica (Escola de Frankfurt): José Marcelino de Rezende Pinto – estudo do Conselho de Escola com base na Teoria da Ação Comunicativa de Habermas (1994); Alice Botler – A escola como organização comunicativa (2004); Medeiros – Crítica da burocracia e introdução de racionalidade crítica (2005).

Uso da psicanálise (Freud): Maria Lúcia Abrantes Fortuna – Dimensão do sujeito na dinâmica das relações escolares, (2004).

Uso da Socioantropológica do cotidiano: José Carlos de Paula Carvalho - Antropologia das organizações (1990); Maria Cecília Sanches Teixeira – Superação das ideologias racionalizadoras na administração pela antropologia do imaginário (1990)

Utilização dos modelos metafóricos calcados em analogias com conceitos de outras áreas de conhecimento ou mesmo em referências a passagens mitológicas. Por exemplo: Anarquia Organizada; Caixote de lixo; etc.: Licínio Lima (2001; 2011).

Uso do pensamento pedagógico de educadores consagrados para extrair concepções organizativas e gestionárias: Programa de Pós-Graduação em Educação da UNESP, campus Marília: (Cf. LIMA, 2002 e 2006; MACHADO, 2001 e 2003; MAIA, 2004; RIBEIRO, 2001 e 2006)

CONCLUSÃO

Sobre a importância dos estudos apresentados neste texto, destaco o esforço dos estudiosos do campo da administração da educação na busca de alternativas que possam orientar a prática gestonária escolar com vistas a melhoria da educação. Entretanto, elas não têm preenchido o lugar esperado de uma teoria crítica que supere o quadro atual de conservadorismo burocrático e ideológico na educação.

Em face da hegemonia das práticas gerencialistas nas redes públicas de ensino mantidas pelas três esferas de governo (federal, estaduais e municipais) está difícil localizar unidades escolares nas quais as práticas se desenvolvam com uma perspectiva crítica e que, assim, possam servir de ponto de partida para o desenvolvimento de um arcabouço teórico que possa iluminar uma prática progressista. Uma tal escola somente pode existir, hoje, como uma unidade escolar marginal, como resultado de um projeto transgressor.

A construção de uma Teoria da Administração Escolar progressista necessita para sua elaboração de descrições pormenorizadas, científicas, da organização e funcionamento de escolas transgressoras da ordem dominante.

Para concluir, quero esclarecer que esta preocupação, aqui manifesta tem origem na minha crença de que não podemos abandonar a utopia de uma sociedade sem classes, a utopia de uma escola pública que atenda às necessidades e interesses da maioria trabalhadora; de uma escola pública fundada em um projeto de nação. Pode soar ingênuo diante do cenário conservador atual, mas se

abandonarmos essa utopia podemos entregar as chaves da escola para os economistas e assemelhados, que já definem as políticas de educação e fazem a cabeça de muitos de nós educadores.

Referências bibliográficas

ALONSO, Myrtes. O papel do diretor na administração escolar. São Paulo: Difel/Educ., 1976.

BOTLER, Alice Miriam Happ. *A Escola como Organização Comunicativa*. 2004. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Pernambuco.

CARNEIRO LEÃO, Antonio. Introdução à administração escolar. São Paulo: Nacional, 1939.

CARVALHO, José Carlos de P. *Antropologia das organizações e educação: um ensaio holonômico*. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1990.

CARVALHO, Maria Lúcia R. D. *Escola e democracia: subsídios para um modelo de administração segundo as ideias de M. P. Follet*. São Paulo: EPU; Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1979.

DURAND, G. *A imaginação simbólica*. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1988.

FÉLIX, Maria de Fátima Costa. Administração escolar: um problema educativo ou empresarial? São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1984.

FORTUNA, Maria Lúcia A. *Gestão Escolar e Subjetividade*. São Paulo: Xamã; Niterói: Intertexto, 2000.

GONZALEZ ARROYO, Miguel. Administração da educação - poder e participação. Educação e Sociedade, v.1, n.2, p.36-46, jan.1979.

LIMA, Licínio C. *A escola como organização educativa: uma abordagem sociológica*, São Paulo, Cortez Editora, 2001.

_____. *Administração escolar: estudos*. Porto (PT); Porto Editora, 2011.

LOURENÇO FILHO, Manuel Bergström. Organização e administração escolar. São Paulo: Melhoramentos, 1963.

MEDEIROS, Arilene Maria Soares de. Administração educacional: definição de uma racionalidade administrativa democrática e emancipatória. 2003. Tese (Doutorado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

_____. Racionalidade administrativa na educação à luz da teoria da ação comunicativa. *Linhas Críticas*, 11(21), 241–254. 2006. <https://doi.org/10.26512/lc.v11i21.3249>

PARO, Vitor Henrique. Administração escolar - introdução crítica. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1986.

_____. Participação popular na gestão da escola pública. Tese de Livre Docência, Faculdade de Educação da USP, 1991.

PINTO, José Marcelino Resende. Administração e liberdade: um estudo do conselho de escola À luz da teoria da ação comunicativa de Jürgen Habermas. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

RUSSO, Miguel Henrique. Teoria e prática na administração escolar: divergências e convergências. São Paulo: FEUSP, 1995. Tese de Doutorado.

_____. Escola e paradigmas de gestão. *Eccos Rev. Cient.*, UNINOVE, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 25-42, 2004.

TEIXEIRA, Maria Cecília Sanchez. *Antropologia, cotidiano e educação*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

TEIXEIRA, Maria Cecília S. *Pedagogia do imaginário e função imaginante*: redefinindo o sentido da educação. *Olhar de Professor*, [S. l.], v. 9, n. 2, 2009. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/1461>. Acesso em: 12 dez. 2024.

TRAGTEMBERG, Maurício. A teoria geral da administração é uma ideologia? Rev. Adm. Empres. v. 11, n. 4, p. 7-21, out/dez, 1971.